



Aaron | Fischer

Carlos Sotto Mayor

Cap.3

# Aaron Fischer



## CAPÍTULO 3

## IV

Jonas olhou para Aaron uma última vez, com os olhos tomados pela energia azul e sinistra, antes de cair com um baque seco no convés danificado do barco, consumido pelo poder da sua própria arma. As raízes que saíam do cabo da adaga haviam crescido, destruindo o lado esquerdo da sua caixa torácica.

Aaron não saberia dizer quantas horas passou sentado em luto, ao lado do corpo do seu pai. Ele nunca imaginara que poderia, em poucos dias, perder tudo e todos que havia amado na vida, não lhe sobrara nem a sua própria identidade, afinal, Aaron, o comum da Vila do Arpão, não passava de uma mentira. Ele era, na verdade, um Elemental filho de um general famoso por suas atrocidades. E isso era tudo que sabia sobre si.

Naquele dia, ao lado do corpo do homem que o criou e amou, o homem que deu a vida por ele, Aaron jurou que destruiria o Exército Imperial. Jurou que não descansaria enquanto não conseguisse acabar com a instituição, pedaço por pedaço, da mesma forma como sempre sonhara em fazer com a estátua do marechal Yunt Kruk. Naquele dia, empurrado pelo desespero, ele decidiu embarcar por um caminho tortuoso e sem fim, um caminho que já tinha levado inúmeros homens e mulheres à ruína, um caminho solitário, infrutífero, no entanto mais viciante que qualquer entorpecente. Naquele dia, Aaron decidiu que dedicaria a sua vida à vingança.

Ele voltou a si com sua determinação renovada, firme quanto ao que deveria fazer. No KingsRamson, ele conseguiu achar um kit de primeiros socorros, além de dinheiro, um banheiro e mudas de roupa

que lhe serviam. A primeira coisa que fez foi limpar o rasgão feito em seu peito pelo tenente Bak Karak, para que não infeccionasse, sendo obrigado a dar pontos em si mesmo.

Aaron tomou um longo banho, colocou as novas roupas e voltou para o velho barco de seu pai. Levou consigo apenas os três pacotes que Jonas desenterrou das tábuas do casebre onde moraram por toda a vida. Para a lâmina da adaga, que conseguiu recuperar entre as raízes, e para a própria lança; Aaron roubou bainhas de couro dos soldados imperiais mortos, levando a adaga amarrada em sua cintura e a lança cruzada em suas costas. A carta, apesar da imensa curiosidade, ele não quis abrir, já que precisaria romper o selo do cilindro. Guardou esta revelação para o momento posterior, quando a entregasse a seu destinatário.

Aaron deu uma despedida digna ao seu pai, cremando o seu corpo junto ao barco que tinha comandado durante boa parte de sua vida, assistindo-o queimar até que afundasse no mar, junto ao Sol que se punha nas águas longe da costa.

Ele não sabia direito como chegar ao subúrbio comum de Lysmat, nem como faria para encontrar Kuma, contudo, não podia ficar muito tempo ali. Por mais que tivesse destruído qualquer vestígio do seu passado, junto com o barco de Jonas, ainda estariam procurando pelo culpado dos assassinatos na Vila do Arpão. Ele precisava se esconder até que o dia amanhecesse e a estrada imperial se enchesse de pessoas, assim poderia passar despercebido, como mais um Elemental indo conhecer a grandiosa cidade de Lysmat.

No dia seguinte, Aaron partiu ao nascer do sol, determinado com a chama da vingança que queimava forte em seu peito. Se valendo do

potente motor do KingsRamson, seguiu o trajeto desenhado por seu pai, chegando em poucas horas à costa do continente. Abandonou o barco no meio do oceano, sem deixar mais vestígios e remou num pequeno bote que encontrou até a terra firme. Discreto, seguiu a pé, subiu uma pequena encosta até encontrar uma velha estrada de paralelepípedos, onde pediu informações. Quando o globo solar enfim alcançou seu pico, ele finalmente chegou ao subúrbio comum que as pessoas chamavam de Cidade de Dak. Ao longe, ele podia ver as muralhas de Lysmat, que se agigantavam no horizonte.

A Cidade de Dak surpreendeu Aaron, que esperava encontrar uma versão maior da miséria vivida na Vila do Arpão, mas não foi isso que viu. As casas, que começavam a surgir à medida que avançava pelo lugar, eram feitas de alvenaria e estavam em um bom estado de conservação. Os Comuns andavam tranquilos, com roupas sem furos ou manchas, pelas ruas e calçadas, levando adiante seus afazeres, com semblantes tranquilos. Ele podia ver comércios abertos e prosperando e até algumas crianças praticando esportes em uma praça. Não existia nenhum luxo, nem as casas eram grandiosas – na verdade eram feias – e podia se ver pobreza naquele lugar, por todas as partes. No entanto, a Cidade de Dak, apesar de depender diretamente de Lysmat, tinha vida própria. Sua própria cultura, seu próprio comércio, sua própria identidade.

Aaron continuou seu caminho, entrando cada vez mais fundo no subúrbio comum. O seu plano para achar Kuma era simples: ir até o templo da Santa Igreja, que como em todas as cidades Comuns, era responsável pelo registro dos cidadãos. Lá procuraria em seus livros pelo paradeiro daquele homem misterioso. Ele bem sabia que não era o melhor dos planos, mas era o que podia fazer com a pouca

informação que Jonas havia lhe passado.

Após conversar com algumas pessoas que andavam pela rua, ele finalmente chegou até o Pátio Central da Cidade, uma grande praça circular, toda feita de um granito cor de chumbo. No seu centro, ficava uma estátua do Marechal Yunt Kruk, igual à que existia na Vila do Arpão, apenas algumas dezenas de metros maior, olhando para todos que chegavam através da única rua que dava acesso ao lugar. O perímetro do círculo era completamente fechado por lojas dos mais variados tipos. A fusão de sons e odores vindos destes comércios era impressionante, algo que Aaron nunca imaginara ver. Imediatamente atrás da estátua, ficava um gigantesco templo da Santa Igreja, um cubo perfeito, construído a partir de um único pedaço de uma opala de leite, uma pedra cuja cor fazia jus ao nome que recebera. Não seria ridículo acreditar que a construção foi erguida num bloco maciço de leite petrificado. A estrutura tinha uma aura singular, absorvendo todos os raios de Sol de maneira pouco natural, e mesmo com sua cor, que deveria refletir o calor, conseguia abaixar a temperatura do lugar suavizando o dia infernal de verão.

Pedintes podiam ser vistos se escorando nos postes baixos de metal enferrujado espalhados pela praça, e nos degraus em frente ao templo. Artistas disputavam a atenção dos transeuntes demonstrando seus talentos, ou propondo jogos e apostas em troca de algumas moedas. No entanto, a maioria das pessoas parecia absorta em seus próprios problemas, tentando atravessar a multidão sufocante, não se importando nem com os artistas, nem com os mendigos. Assim que bateu os olhos na grandiosa pedra branca, Aaron partiu em sua direção.

Com muito esforço, ele atravessou a praça até a estrutura, lutando

para se mover na multidão sem ter seus pertences roubados pelas mãos leves de algumas crianças, que passavam sem sequer serem notadas pela maioria. Se não fossem as aulas de Philip e Josh, ele teria perdido tudo que levava durante o curto trajeto. Ainda assim, precisava de cuidado redobrado, afinal, aquele lugar não era nada como a Vila do Arpão, disso Aaron tinha certeza.

Ele entrou no templo por uma porta lateral pequena, feita da mesma pedra branca, marcada por uma maçaneta preta em forma de cubo. Se aquele lugar funcionasse da mesma maneira que o templo da Vila do Arpão, aquela porta ficava aberta entre as cerimônias religiosas, dando acesso a recepção, onde as pessoas podiam tratar seus assuntos individuais junto a igreja.

Várias filas se formavam no interior, constituídas pelo mais diverso grupo de Comuns que Aaron já vira. Desde pessoas bem vestidas a esmoleis, de idosos solitários a jovens famílias, todos esperavam pacientemente por sua vez de ser atendido.

O enorme cômodo possuía apenas dois móveis, uma grande bancada feita de uma madeira maciça e escura, ocupando o lado oposto da porta, indo de parede a parede, onde vários burocratas, com olhares entediados, atendiam os cidadãos. Todos impecavelmente vestidos em túnicas de linho branco e reluzente, contrastando com o cubo negro bordado no peito. O outro móvel se tratava de uma espécie de cabine de pedra, entalhada com várias passagens do livro sagrado, onde mais dois burocratas faziam o primeiro atendimento e indicavam em qual fila as pessoas deviam esperar.

O pé direito, somado aos tapetes escuros com imagens de deuses e figuras sagradas, que desciam por todas as paredes do lugar,

impossibilitavam uma boa iluminação. Tudo aquilo fazia Aaron se sentir pequeno diante da grandiosidade da igreja, dando uma atmosfera pesada e sóbria à recepção. Soldados imperiais fardados com suas casacas pretas, bordadas em fios prateados; estavam espalhados em duplas, junto às quinas do salão retangular. Sempre a postos, seguravam suas lanças apoiadas no chão. Desta mesma forma, faziam guarda na porta por onde Aaron havia entrado, assim como na outra porta, à esquerda dele, que dava para a nave principal do templo.

Assim que deu o segundo passo sobre o confortável chão de madeira envernizada do interior do salão, foi abordado pelos dois guardas, que cruzaram as lanças, impossibilitando que continuasse seu trajeto. Por um segundo, Aaron pensou que o prenderiam, que o haviam descoberto, seu coração acelerou e ele congelou, olhando para os dois guardas que o olhavam de volta impacientes:

— Infelizmente, armas não são permitidas. Você vai ter que deixá-las aqui – O soldado educadamente lhe passou uma cesta retangular, feita de um ferro fino. Apesar da abordagem, Aaron não conseguiu sentir a costumeira agressividade, de fato, ele até achou cordial.

Aaron tateou, ainda desconcertado com a educação demonstrada, demorando a processar a informação de que aquelas pessoas conseguiam sentir a sua energia Elemental, aquilo que seu pai havia chamado de Själ. Além disso, as suas armas, assim como as roupas e as bainhas que roubou, só podiam, por lei, pertencer a um Elemental.

— Não se preocupe, ninguém vai mexer nos seus pertences. – O militar à sua direita apontou para os Comuns ao redor com desprezo.

Aaron não queria se separar da sua lança e da sua adaga. Hesitando

por mais algum tempo, até finalmente depositá-las na cesta, a qual foi guardada em um compartimento pelo soldado à sua esquerda.

— É só seguir por aqui que alguém vai atendê-lo. — O primeiro guarda a abordá-lo indicou um caminho separado dos demais por uma corda de veludo, que o levava diretamente até uma dupla de burocratas, mais afastada dos demais, e onde não havia ninguém na fila.

Fazia sentido. A igreja nunca deixaria um Elemental esperando entre os Comuns, e muito menos deixaria esses Comuns serem atendidos na sua frente. Aaron podia sentir todas as pessoas no salão olhando para ele de seus lugares, nas esperas imensas, enquanto ele andava até o balcão.

— Muito boa tarde! O que eu posso fazer pelo senhor hoje? — Uma senhora magra, de pele morena e cabelos brancos lisos, com um sorriso solícito e repleto de dentes no rosto largo, que Aaron, devido à sua subserviência, julgou ser uma Comum, o atendeu.

— Hmm... Boa tarde, eu... é... — Aaron não estava acostumado a ser tratado tão bem, nem sabia como um Elemental agiria naquela situação. Além disso, não chegou a pensar em uma desculpa para justificar o seu interesse pelo tal Kuma, então decidiu ir direto ao ponto. — Eu estou procurando um Comum, conhecido como Kuma, queria saber se vocês têm alguma informação onde eu poderia encontrá-lo.

O sorriso da mulher vacilou por um segundo, e ela o olhou desconcertada antes de responder:

— Senhor... você teria um sobrenome, ou alguma referência para que eu pudesse achá-lo mais facilmente?

Aaron pensou um pouco antes de responder:

– Na verdade, eu não tenho. A única coisa que eu sei sobre ele é que ele deve um favor a meu pai, mas não acho que isso ajudaria em sua procura...

Ele estava decepcionado. Jonas lhe disse que seria fácil localizá-lo, mas achar uma pessoa em uma cidade daquele tamanho, sabendo apenas um nome, que Aaron nem ao menos tinha certeza de que fosse o seu verdadeiro, seria uma tarefa bastante complicada.

– Se o senhor quiser, eu posso fazer uma pesquisa em nossos registros com todas as pessoas chamadas Kuma que vivem na cidade de Dak.

– Não será necessário. De qualquer maneira, agradeço a sua ajuda.

– Aaron não tinha tempo, e mesmo que ela lhe desse uma lista, ele não podia sair por aí perguntando aleatoriamente a estranhos se eles sabiam quem Jonas era. Aaron já estava se virando para ir embora quando foi interrompido:

– Sem querer me intrometer, mas o senhor sabe que tipo de favor ele deve a seu pai? Porque poderíamos filtrar as nossas opções por ofício...

– Não acredito que fosse o tipo de favor que estaria listado como um ofício... mas, novamente, obrigado pela atenção.

Aaron recuperou suas armas e deixou o templo irritado. Ele foi até ali para nada. Seria impossível encontrar Kuma daquela maneira, num lugar daquele tamanho. Talvez, na última visita de Jonas a Cidade de Dak, ela fosse muito menor, ele não teria como saber.

Com a cabeça quente e o estômago vazio, Aaron sabia que não iria

conseguir pensar, então partiu a procura de um lugar para comer e descansar um pouco. Após uma curta caminhada, ele achou uma estalagem, virada para o lado de fora do círculo que formava a praça. A entrada dava em uma rua de paralelepípedo que contornava a circunferência por completo. Nesta rua, Aaron percebeu um grande número de bares e restaurantes, além de casas noturnas, com garotas seminuas chamando os homens que passavam para as “festas” que iriam acontecer a noite.

A estalagem em si era um prédio de três andares de tijolos aparentes e janelas de madeira pintadas de vermelho. Havia uma placa feita de uma chapa de ferro retangular, de uns três metros de largura, pendurada logo acima das portas duplas. Nela, em letras pintadas também em uma tinta vermelha que já começava a desbotar, era possível ler o nome “Taverna do Moe”. Aaron entrou, pediu um almoço completo e um quarto para passar a noite. Pagou tudo com o dinheiro que havia roubado no KingsRamson.

O seu interior era bem simples, composto por mesas e cadeiras de madeira espalhadas por um salão de cimento queimado e um longo bar de concreto, acompanhando por uma fileira de bancos de ferro, à direita de quem entrava. No fundo, Aaron podia ver uma chapa de metal menor do que a da entrada, em cima de uma porta, escrito “banheiro” e, ao lado dela, uma escada que devia levar para os quartos. As pessoas encaravam Aaron não com surpresa, mas com estranhamento, como se fosse algum tipo de maluco excêntrico, perdido ali, em um bar de Comuns, comendo e bebendo tranquilamente.

Aaron ignorou os olhares e se concentrou em seu prato. Era a primeira vez que comia carneiro e o gosto forte da carne, misturado com o

amargo da cerveja produzida por Moe, o agradavam, fazendo sua raiva diminuir a cada mordida, até que finalmente acabou de comer, elogiando o garçom e se recostando para aproveitar o resto da sua cerveja e pensar no que deveria fazer.

Aaron sabia que se ficasse muito tempo por ali, começaria a levantar suspeitas. Ele poderia guardar suas armas no quarto e optar por comprar roupas de uma qualidade mais baixa, para tentar se passar por um Comum, no entanto, não se sentiria confortável se deixasse para trás suas armas em uma estalagem como aquela.

Quando subiu para o seu quarto, a noite já caíra há algum tempo. Sua barriga cheia e os dias exaustivos que tivera, começaram a cobrar seu preço. O cansaço e o sono o atingiram com força, embalados pela cama, que por mais que fosse apenas um colchão velho e fino sobre tábuas de madeira, eram muito mais confortáveis do que qualquer coisa que ele já experimentara na vida.

Deitado confortavelmente, as memórias das tragédias dos últimos dias ameaçaram lhe invadir, levando o sono com elas. Apesar de toda a fadiga, ele não conseguia relaxar o suficiente para dormir, assombrado pela culpa que carregava da morte de Sarah e Jonas.

Em sua insônia, tentando focar seu pensamento em outras coisas, ele começou a analisar as possibilidades que possuía para saber mais sobre seu passado e levar adiante seu plano. Ele acreditava que só tinha mais um dia em Dak, antes que as pessoas comessem a fazer perguntas, e teria que fazer aquele dia valer. Se não conseguisse nada ali, ele teria que pensar em um plano “b”, talvez não restasse outra escolha além de violar o lacre. Se abrisse o cilindro e lesse a carta, poderia achar algumas respostas que o ajudariam na sua procura

mas, em respeito a missão que lhe foi dada, decidiu esperar até o dia seguinte. Talvez a sorte lhe sorrisse.

Aaron tentou, sem sucesso, afastar as cenas das últimas semanas, que se repetiam em sua mente todas as vezes que fechava os olhos. Frustrado, ele decidiu descer para o bar e ver se conseguia alguma informação sobre Kuma, ou sobre qualquer outra coisa.

Assim que deixou o quarto, levando consigo a lança e a adaga em suas bainhas, o som de música alta e pessoas bêbadas chegou até ele. O lugar parecia estar movimentado lá embaixo. Aaron desceu, indo direto até o bar e sentando em um dos bancos. Estendeu a mão com uma moeda, esperando para ser atendido por um dos garçons, enquanto olhava ao redor do salão lotado de pessoas, todas bebendo e se divertindo. Na ponta, uma banda tocava uma música agitada e diferente, que Aaron nunca ouvira, para casais que dançavam no meio do salão, de onde as mesas haviam sido afastadas:

— Boa noite, jovem! O que vai querer? – A voz era grossa e feliz, gostosa de se ouvir, com um sotaque carregado, que o garoto não conseguiu identificar a origem.

Aaron virou seu rosto para olhar quem o atendia. Um homem imenso, de mais de dois metros de altura e uma barriga tão protuberante quanto seus braços musculosos, olhava para ele com um sorriso largo no rosto. Uma barba extremamente ruiva lhe caía até a barriga, presa em uma trança elaborada, enquanto o que restava de seu cabelo vermelho lhe caía nos ombros. Ele estava vestindo uma camisa branca, feita de algodão grosso, e sobre ela, um avental preto de couro, que ia até seus pés, escondendo suas pernas.

— Boa noite! Gostaria de uma cerveja da casa! – Por algum motivo,

Aaron desenvolveu uma simpatia instantânea por ele, o que fez o garoto responder ao homem com uma voz animada.

— Aqui está garoto... Qual é o seu nome? – O homem não parecia demonstrar a mesma reverência por ele que alguns outros Comuns haviam demonstrado quando perceberam que ele era um Elemental e isso o agradava ainda mais.

— Aaron, e o seu?

— Me chamo Moses, mas as pessoas me chamam de Moe... – Ele parou para servir uma cerveja para outro cliente e voltou para perto de Aaron: — ... então você é garoto Elemental que o pessoal estava falando...

— Estão falando de mim? – Aaron sabia que deviam estar falando dele, afinal de contas ele devia ser o único Elemental na cidade, fora os soldados. Mas ele queria ver se conseguia arrancar alguma informação do grandalhão.

— Estão sim. Não é todo dia que temos um Elemental que vem tão pra dentro da Cidade de Dak, pelo menos não é todo dia que temos um Elemental tão... – Moe olhou para ele, sem saber como dizer, mas continuou sem parecer desconcertado. — ...“fantasiado” de Elemental.

Moe lavava alguns copos, enquanto conversava com Aaron. Ele parecia ser um cara bem popular e respeitado, pois quase todos que entravam ou saíam da taverna o cumprimentavam.

— Pois é, Moe. Acho que estou um pouco deslocado... – Aaron falou de maneira sarcástica, rindo um pouco de sua própria situação. Moe riu junto com ele.

— Há quanto tempo você mora aqui, Moe? – Aaron voltou a puxar assunto.

— Meu sotaque me denunciou? – Aaron confirmou com a cabeça. Fazendo o grandalhão voltar a abrir o sorriso antes de responder. — A minha taverna está aberta há quinze anos. A abri assim que me mudei para cá, logo após o fim da Guerra dos Deuses Caídos e, desde então, nunca fechei suas portas, nem por um dia sequer!

Era óbvio o orgulho que Moe sentia do lugar.

— E você é de onde, não consegui identificar o sotaque! – Aaron insistiu.

— De uma ilha no norte, você provavelmente não conhece! E você, Aaron, o que te trouxe para Cidade de Dak, se não se importa que eu pergunte.

Aaron refletiu um pouco, mas não havia nada de incriminador em suas intenções.

— Meu pai morreu recentemente, e antes de morrer pediu que entregasse uma carta para uma pessoa...

— Meus pêsames... – Moe limpou o balcão a sua frente com um pano, antes de continuar: — ... então você já estará de partida amanhã?

— Minha presença está incomodando tanto assim a todos? – Aaron falou brincando.

Moe riu, segurando sua barriga.

— Não garoto, não está incomodando ninguém, apesar de que, pro seu próprio bem, eu não ficaria muito tempo aqui, ou você

vai acabar atraindo a atenção das pessoas erradas, tanto Comuns quanto Elementais... Mas só perguntei porque assumi que você já havia entregue a carta do seu pai.

Aaron olhou para ele, o avaliando após suas palavras, mas não viu nada que demonstrasse um tom de ameaça. Ele aparentava ter apenas dado um conselho, deixando a seu cargo, seguir ou não.

— Eu não consegui achar a pessoa. Meu pai não facilitou minha vida, só me deixou um nome e a instrução de procurá-lo aqui na cidade, o que teoricamente seria fácil... Fui ao templo da Santa Igreja hoje atrás de informação, mas não consegui nada.

— Ele nem sequer descreveu a pessoa, disse com o que ele trabalha ou algo do tipo? – Moe estava intrigado.

Aaron balançou a cabeça em negação, enquanto Moe dava um grito em um dos seus clientes bêbados que começavam a fazer a confusão e barulho demais, restabelecendo a ordem apenas com o peso de sua voz.

— Complicado, garoto... Qual o nome dele, talvez eu possa ajudar.

— Kuma.

— Kuma. – Moe assumiu uma postura mais séria pela primeira vez, se apoiando no bar junto a Aaron, para falar mais baixo. – Tem certeza garoto, que o nome dele é Kuma?

Aaron se afastou um pouco, desconfiado e curioso ao mesmo tempo:

— Esse foi o nome que ele me deu, porque?

Moe continuou a encará-lo por algum tempo, estudando-o:

— Entre aqui, garoto. — O grandalhão levantou a portinhola de madeira, convidando-o para passar para o lado de dentro do bar. Ele sinalizou para que o Aaron o seguisse, levando-o através da cozinha e então por uma porta, até o que Aaron avaliou ser o seu escritório. Um cômodo apertado, com as paredes retangulares pintadas de branco. Uma escrivaninha marrom com uma poltrona de couro e duas cadeiras do lado oposto ocupavam o centro do lugar. Escorado pelas paredes, estavam uma infinidade de objetos quebrados, outros consertados pela metade, e outros ainda em caixas. Sobre a mesa, que estava coberta de papéis, estava uma caneca de barro, ao lado de alguns materiais de reparo.

— Sente-se. — Ele indicou uma das cadeiras, enquanto limpava parte da bagunça. Aaron continuou de pé, com a mão no cabo da faca que havia pertencido a Jonas.

O grandalhão entendeu o recado, dando de ombros:

— Como quiser, garoto... — ele assentou seu corpanzil na sua poltrona já desgastada e continuou: — Então você nunca ouviu falar de nenhum Kuma?

— Não, e aparentemente a Santa Igreja também não...

Moe se divertiu com a palavras de Aaron:

— Eles não sugeriram a você o Kuma que estou pensando, como medo de ofendê-lo, mas Kuma é o rei do submundo da região e ele está nesta posição há décadas. Tem influência não só nos subúrbios Comuns, mas também nos subúrbios Elementais. Alguns dizem que até em Lysmat seus tentáculos se fazem presentes. Eu não sei quem era seu pai, garoto, mas para um Elemental estar procurando algum

Kuma em um subúrbio comum, só pode ser este Kuma...

Aaron não corrigiu a afirmação de Jonas ser um Elemental, apesar de que, com todos os seus mistérios e armas rúnicas, era quase como se fosse. Ele ficou calado algum tempo olhando para Moe.

– Você conseguiria uma reunião com ele para mim? – Aaron o fitava sério, não demonstrando nenhuma emoção.

– Quem é você, Aaron? – Moe se recostou contra sua poltrona, um brilho de interesse em seu rosto.

– Eu sou Aaron, um Elemental excêntrico que você conheceu meia hora atrás. – Por mais que Aaron tivesse gostado de Moe, ele não podia confiar nele ainda.

O grandalhão riu, segurando sua barriga, como parecia ser seu costume, antes de responder:

– Se você foi até a igreja perguntando por ele, pode ter certeza que ele já sabe disso e algum capanga virá a sua procura. O que eu posso fazer é intermediar a conversa, evitar que você seja assassinado por algum dos idiotas que trabalham para ele, talvez até disponibilizar a minha taverna para que possam trazê-lo em pessoa até aqui e vocês consigam ficar a sós. Mas você ficará me devendo uma...

Aaron acenou, concordando com a proposta e estendendo a mão para Moe:

– Eu não sei se um favor meu vale alguma coisa, mas temos um acordo.

Moe apertou sua mão com um sorriso:

– A dívida de um Elemental é sempre algo valioso de se ter. – Moe levantou o dedo como se tivesse mais alguma coisa a falar. – Temos um porém, eu vou precisar que você confie a carta a mim.

– Como assim?! – Aaron adotou uma postura defensiva instantaneamente. O grandalhão abriu os braços, o fitando como se a resposta fosse óbvia:

– Ora garoto, te tirei por alguém inteligente. Você acha mesmo que um dos reis do submundo iria aparecer aqui só porque tem algum Elemental qualquer procurando por ele?

Aaron sentiu a raiva começar a borbulhar dentro de si, apesar de saber que Moe tinha razão. Ele continuou em pé, sem se mexer, encarando o dono da taverna, calculando se deveria entregar a carta, até finalmente estender o tubo para que Moe o pegasse:

– Temos um acordo, no entanto, seu eu souber que você violou o selo da carta, ou a entregou para uma pessoa que não seja este Kuma, eu matarei você e destruirei este lugar. – Seu semblante não deixava dúvidas de que ele cumpriria sua ameaça sem o menor problema.

Mesmo assim, Moe soltou uma risadinha baixa, aparentando um certo divertimento.

– Você tem que aprender a relaxar, garoto! Temos um acordo então. Amanhã, assim que o sol nascer, começarei a trabalhar neste encontro. Devo ter uma resposta em até dois dias, se eu fosse você, tentaria sair na rua o mínimo possível enquanto isso. Não queremos você chamando mais atenção do que já chamou.

# V

## GOKUDÔ

Aron seguiu o conselho de Moe e se manteve em seu quarto. Fazendo as suas refeições no cômodo, só saindo para ir ao banheiro comunitário no final do corredor. No final da noite do dia seguinte, Moe o levou novamente até seu escritório nos fundos da taverna, lhe informando que havia conseguido contatar um subordinado de alto escalão de Kuma, e este iria entregar a carta diretamente a ele, devendo ter uma resposta dentro de dois dias.

O garoto continuou confinado a seu quarto, utilizando o tempo para treinar sozinho com suas recém-adquiridas adaga e lança, da forma que Jonas o ensinou. Quando pegou na adaga pela primeira vez, ele esperava sentir algo diferente, receber o aumento de atributos físicos que Jonas havia demonstrado, sentir o cabo sugando sua energia, no entanto, na sua mão, ela parecia só mais uma arma extremamente bela e afiada.

Ele treinava até que seu corpo não aguentasse mais, tentando esvaziar sua mente dos sentimentos e memórias negativas que lhe invadiam todas as vezes que ficava muito tempo só. Porém, todas as noites seus “fantasmas” vinham lhe visitar, atormentando seu sono, fazendo-o imaginar todas as possibilidades e questionar tudo que sabia sobre todos que conhecia. Afinal, quem poderia ter sido Jonas, para que um dos reis do submundo lhe devesse um favor?

A espera se alongou além dos dois dias prometidos, fazendo Aaron perder a paciência a cada dia que passava sem receber respostas. Para piorar, Moe parecia ter desaparecido. Aaron o havia procurado várias vezes e ele nunca estava na taverna. No sexto dia, quando o Sol deixava seu pico e ele, impaciente, já estava prestes a fazer cumprir suas ameaças, Moe bateu na porta do seu quarto, pedindo que ele o acompanhasse até seu escritório novamente. Aaron pegou suas armas e partiu atrás do ruivo gigantesco.

— Eu não sei o que tinha naquela carta, mas deve ser algo bem importante. Ele quer encontrar com você hoje à noite, mas não pode ser aqui na taverna, é um lugar muito visado, todos sabem que você está aqui.

— Certo. E onde ele quer me encontrar então? – Apesar de não demonstrar, Aaron estava animado. Enfim conseguiu encontrar o homem que Jonas pediu que procurasse, finalmente conseguiria respostas.

— Meu contato disse que passaria aqui às oito da noite para nos levar até ele. Não quis dizer o lugar... – Moe tinha um semblante sério.

— Estarei pronto no horário combinado, então. Mas levarei minhas armas.

Aaron tomou um banho, vestiu a melhor roupa que havia roubado do KingsRamson, colocando as bainhas da lança e da adaga posicionadas de maneira que estivessem completamente acessíveis, caso precisasse usá-las. Por mais que tivesse sido Jonas quem o mandara procurar por Kuma, ele não podia deixar a guarda baixa, o homem era perigoso. Além disso, ele não tinha certeza ainda se aquele era o Kuma que procurava ou apenas alguém querendo se aproveitar da situação.

Às oito em ponto, ele desceu pelas escadas até o bar lotado, de onde avistou Moe com o seu cabelo penteado e a barba recém-trançada, vestindo uma camisa de manga longa, feita de algodão tingido de vermelho, com uma calça escura combinando com as botas pretas. Apesar do fato da combinação não ser das melhores, era visível que ele estava com sua melhor roupa.

Moe acenou do bar para que Aaron fosse até ele, indicando um assento vazio na sua frente e lhe servindo uma cerveja assim que sentou. Como sempre, vários olhos o encaravam, ainda desacostumados ou incomodados com sua presença.

— Eles já estão aqui, garoto. Estão esperando lá fora, mas dá tempo de terminar a cerveja.

Aaron apenas sinalizou com a cabeça, bebendo tranquilamente:

— Gostei da roupa...

— Não é todo dia que se conhece alguém como Kuma.

— Pensei que você o conhecia ou pelo menos sabia quem era.

— Não, na verdade ninguém sabe quem ele é... Enfim, termina logo essa cerveja e vamos. O garoto deu o último gole na sua cerveja e se levantou, intrigado pelas palavras de Moe.

O grandalhão guiou-o até a saída dos fundos da taverna, onde uma máquina de metal preta, sobre quatro rodas, emitia um zunido baixo que entregava o motor a combustão que a movia. Os faróis redondos iluminavam a rua escura, onde uma figura alta, vestida em um terno formal, fumava apoiada contra o capô. A pessoa misteriosa jogou o cigarro fora com um peteleco e se dirigiu até eles tranquilamente,

abrindo a porta sinalizando para que entrassem no veículo.

Agora, fora do facho de luz, Aaron pôde ver a feição de olhos amendoados, característicos das pessoas do oriente do Império, cabelos pretos e lisos amarrados em um coque, com um sorriso confiante e ameaçador enfeitando seu rosto. Uma katana estava presa a sua cintura por uma bainha decorada com flores de cerejeira. Aaron não soube explicar como, mas instantaneamente pôde sentir que aquela mulher era uma Elemental.

No interior do carro, dois homens tão bem vestidos quanto ela estavam sentados nos bancos dianteiros, um em frente ao volante e o outro sentado ao seu lado, com um chapéu preto sobre a cabeça. A mulher ameaçadora entrou logo atrás de Moe e Aaron, ocupando o último dos três lugares na parte de trás. Todos permaneceram calados e Aaron não quis quebrar o silêncio.

— Vamos! – A mulher misteriosa deu a ordem e eles partiram noite adentro.

Era a primeira vez que Aaron andava em uma daquelas máquinas que os Elementais chamavam de carro. O banco de couro bege era confortável, e mesmo com o gigantesco dono da taverna ao seu lado, ele não se sentia apertado. Aaron se distraiu por um momento, olhando ao redor e curtindo um pouco da viagem, até que o possível perigo do destino desconhecido para onde iam, o acordou de seu transe:

— Para onde estamos indo? – Aaron perguntou com firmeza, sem demonstrar medo ou ameaça em sua voz.

Ninguém fez menção de respondê-lo, o que fez a sua já conhecida

raiva começar a borbulhar. Ele se virou para a mulher ao seu lado, olhando-a nos olhos:

– Eu perguntei para onde estamos indo.

Ela segurou seu olhar por algum tempo, até abrir um sorriso predatório e impaciente:

– Nós o levaremos até Kuma...

Aaron balançou a cabeça, sem muita paciência:

– Qual é o seu nome?

– Makoto, a Fúria.

Ela continuou a encará-lo com seu sorriso ameaçador.

– Esse cara deve ser importante mesmo... – Aaron não começaria um conflito antes mesmo que chegassem até o Kuma.

O carro tomou a estrada, saindo da Cidade de Dak em direção a costa. Aaron não falou mais nada durante a viagem que deve ter durado cerca de duas horas, até finalmente chegarem a grandiosos portões de ferro, ladeados por muros de tijolos que Aaron avaliou pertencer a uma mansão à beira-mar. Dois guardas armados com lanças correram para abrir os portões e deixar o veículo passar. Um caminho de cascalho levava até uma pequena praça, através de um belo jardim tropical, com palmeiras e arbustos bem cortados, onde ele fez meia volta até parar de frente para portas duplas brancas com mais de três metros de altura por dois de largura. Os homens que estavam a sua frente saíram do carro, seguidos por Makoto, que parou ao lado do veículo, sinalizando para que Aaron e Moe saíssem também.

Ela os guiou para dentro da mansão de pedra clara, atravessando um suntuoso salão de um belo chão de mármore branco, com veios cor de bronze. Uma mesa gigantesca, feita de uma madeira maciça, enfeitada por uma árvore em miniatura, com cadeiras de espaldar alto, ladeando-a, ocupava o seu centro. Logo acima, cristais brancos flutuavam em pleno ar, distribuídos em um padrão que os faziam parecer galhos feitos de luz, saindo do teto e iluminando o cômodo por inteiro. Uma escada circular no lado esquerdo levava ao andar de cima. Do lado oposto ao que eles haviam entrado, não existia parede, apenas um espaço que dava direto para um gramado bem cortado, que se espalhava por toda a frente da propriedade até a areia branca, pontuado apenas por alguns coqueiros e, ao final dele, um píer de madeira que levava até o meio do mar.

No jardim, mais cristais flutuavam, iluminando a propriedade e impulsionando ainda mais a sua beleza. Aaron não queria demonstrar, mas estava completamente estarecido, olhando em volta, se encantando com cada detalhe único. Moe parecia tão surpreso quanto ele, enquanto continuavam a seguir Makoto até o final do píer, onde um belo veleiro, de mais de cem pés os esperava.

A embarcação mal balançava sobre as águas calmas do mar, com as velas dos seus três mastros recolhidas e uma pequena ponte ligando-a até o cais. O casco era fino e longo, com a madeira pintada de branco e uma faixa preta cruzando-o de ponta a ponta. As luzes das cabines estavam acesas e Aaron podia ver um número razoável de pessoas circulando tanto no convés quanto em seu interior. Makoto parou, se virando para os dois:

— Vou precisar que vocês deixem suas armas com o Hakata. — Ela

apontou para o mais baixo dos homens que estivera com eles no carro.

Sem pestanejar, Moe tirou uma faca de uma bainha presa na batata de sua perna, escondida sob a calça, e a entregou. No entanto, Aaron continuou a encará-la, sem querer se distanciar de sua adaga e lança mais uma vez.

— Quando vamos encontrar esse tal de Kuma? Por acaso vamos entrar nesse barco e descer por alguma passagem secreta até alguma espécie de palácio subaquático?!

Ela apenas continuou a olhar para Aaron, quase entediada:

— Garoto, eu não sei quem você é, e desde o princípio eu fui contra esse encontro, no entanto você já está me enchendo o saco... Ele está esperando dentro do barco, mas você não acha que vamos te deixar entrar armado, não é mesmo?!

Aaron mordeu seus lábios, contendo um xingamento. Estava a poucos segundos de obter algumas respostas:

— Ok... – Com a cara feia, ele entregou as armas e a seguiu barco adentro.

O veleiro possuía uma decoração similar à da mansão, com poucos móveis dispostos de maneira a dar uma sensação de espaço harmonioso ao lugar, sem perder a suntuosidade. Eles atravessaram um longo corredor até chegarem a uma porta impecavelmente branca, marcada apenas por um puxador longo e dourado, onde um homem também vestido em um terno preto montava guarda. Sem falar nada, ele abriu a porta, sinalizando para que entrassem.

Na sala por trás, estava um homem alto e magro, apoiado sobre uma escrivaninha de mogno envernizado, vestido em um terno preto feito de um tecido lustroso que Aaron não conseguiu identificar. Apesar da sua altura e magreza, a roupa continuava conseguindo lhe cair perfeitamente. Ele se levantou, se aproximando com um andar silencioso e imponente.

Usava uma máscara cobrindo seu rosto inteiro. Uma máscara feita de um material duro, retratando uma demônio oriental, com dentes lhe fugindo da bocarra semiaberta e chifres curvos e negros despontando de sua testa branca. O artefato possuía pinturas de uma tinta vermelho vivo, que mais parecia sangue recém-derramado, cruzando o buraco dos olhos, onde não havia nada, apenas a sombra.

Assim que viu o ornamento, Aaron pôde sentir o imenso poder que emitia, uma aura intimidadora, como se uma criatura horrenda quisesse e pudesse sair dali a qualquer momento, para saciar sua sede de sangue. A sensação era estranha ao garoto.

— Sejam muito bem-vindos, desculpem todo esse transtorno, eu sou Kuma. – Ele estendeu a mão para cumprimentá-los. Seus cabelos brancos e longos eram seus únicos traços visíveis.

Aaron imaginava que Moe ficaria intimidado e correria para saudá-lo, mas o grandalhão apenas apertou a mão estendida, se apresentando sem muita emoção:

— Eu sou o Moe. Fui eu quem entrei em contato através do Brando...

— Eu sei quem você é, Moe O'Shea, e agradeço o esforço. Trataram vocês bem?... A Makoto pode ser meio chata às vezes.

— Sim, sim! Nos trataram muito bem.

Tão logo largou a mão de Moe, Kuma se virou para Aaron, o encarando através dos buracos negros de sua máscara:

— Você deve ser o Aaron... — Antes que Aaron pudesse responder alguma coisa, ele o abraçou com força, deixando o garoto sem reação. Tão repentinamente quanto o havia abraçado ele o soltou, continuando em um tom animado: — Sentem-se, por favor! Aceitam algo, uma água, um licor?

O birô de Kuma era impecavelmente organizado, com um pequeno porta-lápis de couro do lado direito, uma folha em branco no centro, com uma bonita caneta de osso sobre ela e mais nada. Aaron olhou ao redor, ainda sem saber como reagir ou como interpretar aquele homem na sua frente. O escritório era um amplo quadrado, feito com um piso de madeira confortável, cortado em seu centro por um carpete bem trabalhado, com detalhes verdes e vermelhos. Do lado direito ficavam dois sofás de couro, um de frente para o outro. Entre eles, ficava uma pequena mesa de centro, com pés estilosos e duas katanas, em suas bainhas ornamentadas, sobre o tampo de vidro. Já do lado esquerdo, estava um pequeno bar, com uma infinidade de garrafas de bebidas e copos de cristais a disposição de quem quisesse se servir. No centro, perto da parede dos fundos, ficava a mesa de Kuma, com uma belíssima poltrona de couro marrom, onde ele agora estava sentado, de frente para outras duas poltronas de couro mais simples, onde Moe e Aaron se encontravam. Preenchendo a parede atrás de Kuma, ficavam quatro armaduras completas de samurai, inspiradas nas antigas lendas, de antes da Bênção Divina, vestidas em manequins de ferro e encobertas por uma espécie de cubo de vidro que as protegia.

Aaron e Moe recusaram a oferta educadamente, enquanto Makoto

se sentava tranquilamente no sofá encostado na parede e falava, se dirigindo a Kuma:

— Nós deveríamos conversar aqui, não tem espaço na sua mesa, seria mais confortável para todos.

— Na verdade, se não for incomodar vocês, gostaria de ter essa conversa com Aaron a sós.

Apesar do seu jeito educado, ficou óbvio que aquilo era uma ordem para que Moe e Makoto saíssem. Sem pestanejar, ela se levantou, sinalizando para que Moe a acompanhasse.

— Se precisarem estaremos lá fora.

Aaron gostou da atitude de Kuma, quanto menos pessoas ali melhor. Ele tomou a frente, antes que Kuma voltasse a falar, tentando demonstrar que não estava intimidado por ele:

— Você está com a carta aí?

— Eu a queimei...

Aaron se levantou repentinamente, dando um tapa na mesa, sentindo sua raiva explodir.

— Como pôde?! – Aaron ouvia seu tom de voz aumentar à medida que cada palavra saía de sua boca, mas Kuma o respondeu com calma:

— A carta era endereçada a mim, então eu podia fazer o que quisesse com ela. Além do mais, tinha muita coisa nela que não lhe dizia respeito...

Aaron continuou a encará-lo de pé, pensando se sairia vivo caso o atacasse.

— Eu sei quem você é, Aaron, sei quem é seu pai biológico... – Ele deixou aquilo no ar por um segundo, olhando atentamente a surpresa no rosto do garoto. — ... mas a pergunta aqui é: o que você quer Aaron?

Aaron foi pego de surpresa, levando alguns segundos para se recompor, tentando manter a pose.

— Respostas... vingança... e você acabou de destruir uma boa fonte!

— Eu posso te ajudar com as duas coisas, muito mais do que aquela carta poderia. E como eu disse, ela era para mim e não para você. Agora sente-se, por favor.

— É, como você pode me ajudar?!

— Conheci Gerard ou, como você o chamava, Jonas, faz muitos anos. Sei parte da sua história. E quanto a vingança... – Kuma abriu os braços, indicando a riqueza que o rodeava – ... eu posso lhe dar meios para consegui-la.

As palavras de Kuma pareceram seduzir Aaron, fazendo-o sentar-se com os punhos ainda cerrados. Ele decidiu que o escutaria e, caso não gostasse do que ouvisse, a violência era sempre um recurso para o qual ele poderia apelar.

O garoto olhou no fundo das sombras formadas pelas cavidades oculares da máscara, com um rosto impassível:

— Quem é meu pai, biológico? Sem hesitar, Kuma o respondeu:

— Logan, o Lobo.

Por um segundo, Aaron sentiu seu estômago revirar.

— Você e Jonas devem ter sido grandes amigos, para ele ter colocado isto na carta.

— Por um tempo, fomos muito mais do que isso... Mas ele não colocou isto na carta, eu apenas deduzi e você me confirmou.

Aaron parou, tenso. Como ele podia ter sido tão burro ao ponto de cair naquele truque tão facilmente?

— Não se preocupe, Aaron. Eu não irei contar a ninguém.

Por um momento Aaron respirou aliviado, no entanto, ele sabia que agora estaria na mão de Kuma:

— O que você quer de mim?

— Você quem veio até mim, então eu que lhe pergunto, o que você – ele usou seus longos dedos para apontar para o peito de Aaron com veemência – quer?

— Eu já lhe disse. Eu quero respostas.

— Não Aaron, eu não perguntei o que você quer de mim, eu perguntei o que você quer.

— Porque eu deveria lhe dizer mais alguma coisa? Você acabou de me enganar, me fazendo acreditar que Jonas lhe escreveu sobre minha origem na carta, apenas para obter informação...

— Você ainda tem muito a aprender, Aaron. Mas pense desta forma, a informação mais delicada sobre você eu já tenho e mesmo assim, prometi não usá-la. Eu só quero te ajudar e, quem sabe, me ajudar no processo. Você tem ideia de quanto é a recompensa que o Império colocou sobre sua cabeça?

– Não...

– É dinheiro suficiente para comprar outra casa e outro barco como este, e mesmo assim, Jonas – o nome saiu estranho da boca de Kuma, como se lhe incomodasse falar o nome que o pai de Aaron havia adotado – pediu que você viesse até mim, mesmo sabendo que a possibilidade de eu descobrir quem você é de verdade era grande. E mesmo que você não acredite em nada que estou lhe dizendo, você pode confiar no seu pai, afinal, foi a mim que ele mandou você procurar e isto é um fato.

Algo em seu interior falava baixo mas insistentemente para que ele saísse dali, no entanto, os argumentos pareciam incontestáveis. Acima de tudo, um homem como aquele podia lhe ajudar muito.

– Eu quero vingança contra o Exército Imperial, por terem matado meu pai, por terem matado minha... – Aaron engoliu seco antes de prosseguir – amiga. – Apenas a menção daqueles fatos já fazia seu sangue ferver.

– Eu posso ajudá-lo...

– E o que você ganha com isso? Posso ser burro, e por nossa conversa até agora sou mais burro do que eu imaginava, mas eu sei que uma coisa é me dar uma casa e não contar a ninguém quem eu sou de verdade, outra coisa muito diferente é me ajudar a enfrentar o Exército Imperial, da maneira que for...

– Você não é burro, Aaron. É apenas inocente. Faz bem de perguntar. O que eu tenho a ganhar é poder ter tudo que eu já tenho.

– Como assim?

— Nada disso que você está vendo aqui, a mansão, o barco, os sofás, este terno, esta máscara, nada disso me pertence no papel, está tudo no nome de Elementais, pois apenas eles podem ter esse tipo de coisa. Eu não posso sair na rua, ou aproveitar tudo que conquistei na vida, porque sou um Comum. Apesar de todo este luxo e todo este dinheiro, eu vivo em uma prisão, sendo obrigado a pular de lugar para lugar, sempre olhando por cima do ombro, esperando o dia que os grupos de busca do Exército Imperial vão, finalmente, me encontrar. E eu não quero mais isso, Aaron. Já estou velho, e quero minha liberdade de volta, ou pelo menos morrer lutando por ela.

Os argumentos de Kuma continuavam sólidos com uma rocha e a cada nova palavra Aaron se sentia mais confortável com ele.

— E o que você pretende fazer?

— Eu já tinha desistido destes sonhos, mas desde que recebi a carta de Jonas, comecei a formular um plano em minha cabeça, na esperança de que você fosse o filho perdido do Lobo. Mas primeiro, se fosse possível, eu gostaria de saber como Jonas morreu.

Aaron contou tudo que ocorreu nos últimos dias, começando pela morte de Sarah e como havia despertado seus poderes. Quando terminou, Kuma ficou em silêncio por algum tempo, a máscara de hannya olhando impassível com seus traços grotescos.

— -Obrigado, Aaron. Seu pai foi um grande homem, pode ter certeza disso... Agora ao que interessa. Primeiro, você herdou os poderes da armadura negra?

— Antes, acho que você deveria me dar algumas respostas sobre meu passado.

– Nada mais justo. No entanto, não acredito que eu vá conseguir lhe revelar todos os segredos que te cercam.

– Entendo, mas você poderia começar por Jonas, como se conheceram e como você desconfiava que eu fosse o filho do Lobo.

– Eu e Jonas nos conhecemos no Exército Negro. Eu era jovem e entrei para as fileiras na primeira oportunidade que tive. Jonas foi meu comandante e acabamos desenvolvendo uma relação muito próxima com o passar do tempo, no entanto, ele nunca falou sobre seu passado. Todas as vezes que tentei tocar no assunto ele simplesmente ignorou... mas eu sabia que algo o ligava ao Lobo... Jonas não era como qualquer outro comandante, Logan o tinha como um irmão de sangue, era o seu principal conselheiro e na hierarquia do Exército Negro ficava abaixo apenas do próprio Lobo e de Yshma...

– Quem era Yshma?! – Aaron ouvia atentamente a tudo.

– Você não sabe?!

– Yshma era a esposa de Logan, o Lobo. Yshma é a sua mãe, Aaron.

– Como ela era?! – Aaron sentia seu coração explodir de antecipação. Ele queria ouvir tudo que pudesse sobre sua mãe.

– Ela era uma mulher impressionante, misteriosa, a pele escura, olhos azuis... extremamente poderosa, mas nunca cheguei a conversar com ela de verdade.

– Ela também morreu junto ao Lobo?

– Não... – Aaron sentiu algo em seu peito pular, a possibilidade de sua mãe estar viva trazia uma luz inesperada. – No entanto, não sei se

continua viva. Após a queda do Lobo, o Exército Negro desmoronou. Seus membros foram caçados e mortos, ou jogados em uma das prisões do império para sofrerem até o fim de seus dias.

Aaron baixou a cabeça, sentindo sua animação se dissipar.

— Não desanime tão facilmente, o cartaz de procurada de sua mãe continua ativo, com uma recompensa infinitamente maior do que a sua...

Aaron apenas confirmou com a cabeça, com um semblante obstinado, antes de falar:

— Continue a história...

— O Exército Negro começou a tomar um rumo com o qual eu não concordava, o número de mortos dos dois lados só aumentava, então decidi abandonar a instituição, antes de sua queda. Implorei para que Jonas viesse comigo, deixasse toda aquela loucura... Mas ele escolheu permanecer ao lado do Lobo. Então parti e não o vi desde então. Acompanhei o resto da guerra de longe...

— E como você supôs que eu era o filho perdido de Logan, o Lobo?

— Não foi tão difícil de deduzir. Você tem a idade certa, eu tinha alguma certeza de que Jonas não viria a ter um filho biológico... também imaginei que, se o filho perdido do Lobo não estivesse morto, nem com Yshma, só poderia estar com o Jonas. E, tendo em vista que o corpo do bebê nunca foi encontrado e Yshma teria de passar o resto da vida fugindo do Exército Imperial, imaginei que teriam confiado a Ger... Jonas a tarefa de cuidar do rebento, uma vez que para ele seria infinitamente mais fácil mudar de nome e tentar se misturar em alguma vila Comum no interior do império,

desaparecendo completamente.

Kuma parou, dando a entender que não tinha mais nada para falar.

— Isso é tudo que sabe sobre mim e sobre meu passado?! – Aaron estava desapontado.

— Infelizmente sim, Aaron. Se quiser, podemos conversar sobre Jonas, ou como prefiro chamá-lo, Gerard e todas as suas qualidades maravilhosas a noite inteira, no entanto, ele sempre foi um homem muito reservado, mesmo comigo. E quanto ao Lobo e a Yshma, por mais que o Exército Negro lutasse pela liberdade dos Comuns, ainda existia uma divisão e uma tensão enorme entre nós e os Elementais, então nunca tive contato o suficiente. Posso te contar sobre as batalhas e o que acontecia no dia a dia, mas não acredito que seja isso que você busca.

— Esperava mais...

— Desculpe desapontá-lo, mas olhe pelo lado positivo, agora você sabe quem foi sua mãe. – Kuma trazia sinceridade em sua voz.

— É algo a que posso me apegar, mas quero mais do que isso.

— E eu posso te ajudar a conseguir.

Aaron parou por um segundo, pensando na possibilidade de vir a conhecer sua mãe e o quanto isso o preenchia. Poder lhe perguntar porque o abandonou, poder ver seu rosto, seu sorriso...

— Ok... Me conta seu plano.

— Você não se arrepende... Então, você herdou o poder da armadura negra?!

– Sim, mas não consigo entender porque isso é algo tão relevante.

– Aquela armadura era o símbolo do Exército Negro, o símbolo do seu poder. E teremos este símbolo novamente em você. Isto trará esperança para os que defendem a causa, fará com que os que desistiram, voltem a pegar em armas... você é muito novo para entender, mas não existe nada mais importante para uma revolução do que um símbolo para sua causa, e melhor ainda se este símbolo for um mártir reencarnado.

– Pensei que você havia abandonado o Exército Negro. – Aaron continuou a fitar Kuma, sem compartilhar a excitação demonstrada por ele.

– Eu o abandonei sim, e não me arrependo. No entanto, não é porque vamos reviver o Exército Negro que teremos que repetir os erros cometidos no passado. Utilizaremos o esqueleto do que ele foi e o moldaremos de acordo com o que acreditamos.

Aaron continuava um pouco cético:

– Certo, mesmo que concorde com você em relação a importância de um símbolo para a revolução, não vejo como poderíamos reunir um exército, sem sermos destruídos antes de termos poder o suficiente para começar uma luta.

Kuma deu uma leve risadinha antes de responder:

– Isso você pode deixar comigo. No entanto, mais importante é o fato de que mesmo se tivéssemos um exército, você não estaria apto a liderá-lo. Não leve isto como uma ofensa, mas você ainda é novo demais, mal sabe usar seus poderes e não entende nada sobre guerras ou a política envolvida. Você não pode ser apenas algo a ser

visto e admirado. O Lobo trazia temor aos inimigos e esperança aos seus aliados por causa do seu poder e seu intelecto em batalha. E você precisa fazer o mesmo, Aaron.

— O que você quer de mim então?! – Apesar de saber que Kuma falava a verdade, a rispidez em sua voz diante das críticas foi inevitável.

— Você já ouviu falar da Escola para Elementais de Lysmor?

— Sim, por quê?!

— Eu quero que você seja aceito nela, não existe lugar melhor para formá-lo, acredite em mim. E enquanto você é treinado pelos melhores, do próprio Exército Imperial, eu trabalho por detrás das cortinas, criando nosso exército sem que ninguém perceba, para quando você estiver pronto, nós darmos início à revolução.

— Então seu plano é algo para daqui a cinco anos? – Aaron estava descrente, criou tanta expectativa ao longo da jornada, o custo de tudo que perdeu era tão alto que não podia se dar ao luxo de esperar tanto tempo. Ele queria sair correndo dali, encontrar sua mãe e, se possível, destilar sua fúria em todo e cada soldado imperial que encontrasse pelo caminho.

— Nós não podemos tirar uma revolução assim do nada, Aaron. Precisamos de tempo, precisamos nos estruturar para não sermos esmagados, assim como o Lobo e todas as revoluções antes dele.

A assertividade daquele homem começava a irritar Aaron. Ele parecia ter respostas para tudo, deixando-o com pouco espaço para argumentar. Em tom quase que resignado, o rapaz embarca, ainda que momentaneamente, na sugestão:

- Como eu conseguiria entrar para a escola?
- Eles fazem uma prova seletiva todos os anos, conhecida como A Prova dos Elementos, ela ocorrerá daqui a algumas semanas.
- E como é esta prova?!
- Todos os anos ela sofre pequenas alterações, no entanto, ela sempre segue um certo padrão, que é o de jogar todos os inscritos em uma ilha e fazer uma competição de sobrevivência, sendo aprovados os que se saírem melhor.

Se deixando levar pela experiência que tinha acumulado e pela grandiosidade do próprio poder, Aaron respondeu tranquilo, beirando um tom esnobe.

– Tenho certeza que posso sobreviver alguns dias em uma ilha contra alguns Elementais mimados...

– Não se iluda, a prova pode ser mortal, as vagas na escola têm um valor que você não pode imaginar para a sociedade Elemental: prestígio, perspectiva de futuro, dinheiro... Está tudo em jogo e apenas os mais poderosos conseguem ser aprovados. Esses garotos são treinados desde pequenos, alianças são formadas pelas famílias mais influentes para que seus filhos se ajudem durante a prova, formando grupos para garantirem que serão aprovados. Se você entrasse sozinho, não acredito que conseguiria chegar até o fim.

– Você está me subestimando... já matei soldados imperiais sem muitas dificuldades... – Aaron tinha plena confiança em si mesmo.

Kuma voltou a soltar uma risadinha fina:

— Vamos, Aaron. Você matou soldadinhos de uma minúscula vila no interior do império, com poderes atrofiados, mal poderíamos considerá-los Elementais. Estamos falando de linhagens poderosas. Comparar um soldado como o que você matou, com um desses jovens seria o mesmo de dizer que leões de Nemeia e gatos domésticos são iguais, apenas por serem felinos. E lembre-se, você não poderá usar o seu poder da armadura, terá que contar apenas com sua força física e velocidade.

Ele não se dera conta deste detalhe. Não teria a sua disposição a dimensão completa de seus poderes. A até então inabalável segurança rapidamente lhe abandonou, deixando-o sem respostas:

— Certo, então o que você pretende fazer, já que acha que eu não seria aprovado se entrasse na prova sem um grupo?!

— Descobri que o mordomo de Balor, o Infernal, importante general do Exército Imperial, anda perambulando pelos orfanatos de toda a região, a procura de um órfão poderoso o suficiente para entrar para o grupo da sua filha. É uma prática comum entre as patentes intermediárias, mas bem incomum para alguém na posição de Balor. Eu não sei o porquê de estar recorrendo a isto, mas algo grande está para acontecer, as fileiras do Exército Imperial estão cada vez mais inquietas, histórias começam a despontar aqui e ali, pessoas que estiveram, por assim dizer, sumidas desde a guerra, estão voltando a surgir, eu vejo as peças se movendo no tabuleiro, só não consegui entender as regras do jogo ainda. Mas enfim, o momento não poderia ser mais oportuno, ao receber sua carta tratei de interceptar o mordomo e lhe apresentei o que tanto buscava. – Kuma tirou alguns documentos de uma gaveta e os balançou em frente a Aaron. – Eu vou te apresentar como um prodígio do Orfanato para Elementais da

Cidade de Trakto... essa papelada me custou uma pequena fortuna mas comprovaria sua origem, garantindo assim que o mordomo o apresente para Balor. Vamos matar dois coelhos com uma cajadada só...